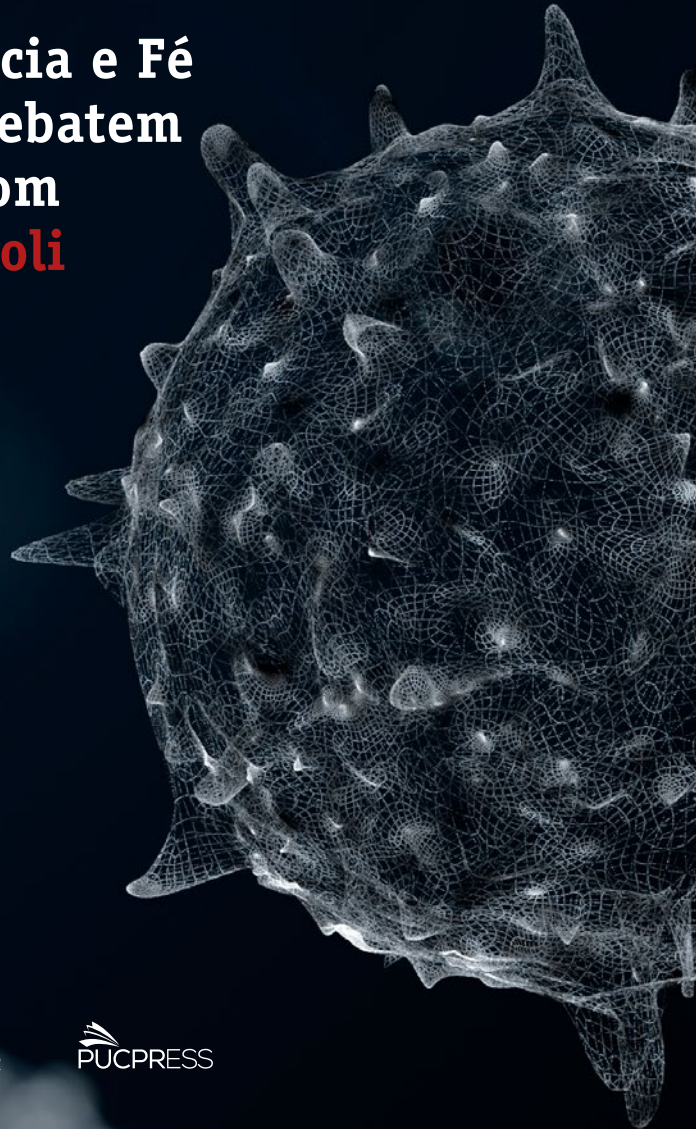


Pensar o (im)pensável

Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Michel Maffesoli

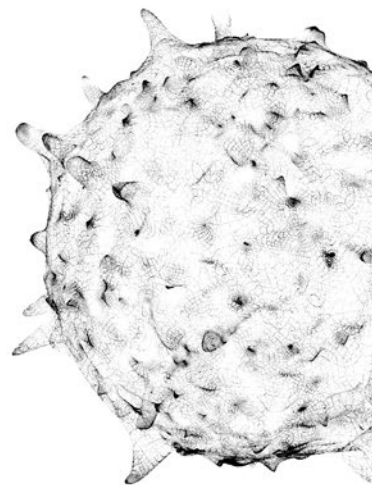


Pensar o (im)pensável

Instituto Ciência e Fé
e PUCPRESS debatem
a pandemia com
Michel Maffesoli

Sob curadoria de
Fabiano Incerti
Douglas Borges Candido

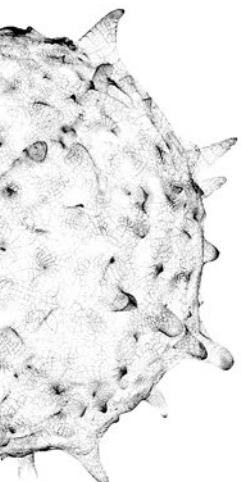
Tradução e notas de
Eduardo Portanova Barros



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo



Michel Maffesoli, professor emérito da Sorbonne e membro do Instituto Universitário da França.

Pensar o (im)pensável: Instituto Ciência e Fé e PUCPRESS debatem a pandemia é uma série de entrevistas que serão realizadas a partir de diferentes perspectivas do saber sobre os impactos da pandemia. A seleção e a organização do conteúdo estão sob curadoria de Fabiano Incerti e Douglas Borges Candido, do Instituto Ciência e Fé PUCPR, e a edição pela equipe da PUCPRESS. Tradução e notas: Eduardo Portanova Barros. Revisão de texto: Elisama Nunes dos Santos. Projeto gráfico e diagramação: Rafael Matta Carnasciali.

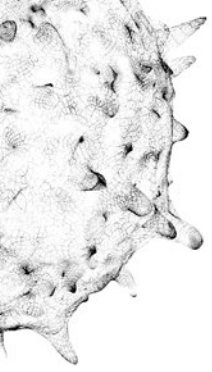
Abril/2020

A crise global instalada pelo Covid-19 denuncia o esgotamento de um sistema econômico-político-social?

Podemos considerar, de fato, que, para além de uma simples crise sanitária, o que o Covid-19 aponta é o indício de uma verdadeira crise civilizacional ou “societal”¹. Deslizamento² que alguns, entre os quais me incluo, consideramos como sintomático do fim da modernidade e da emergência do que, provisoriamente, chamamos de pós-modernidade. Em termos muito simples, podemos ainda, efetivamente, considerar que – e por consequência disso – o racionalismo, o universalismo, tendo ambos engendrado o economicismo, isto é, a prevalência do valor-trabalho e do primado da economia; tudo isso, pois, caducou. Nesse sentido é que se pode falar de um esgotamento do ilustre materialismo, *stricto sensu*, ou do materialismo histórico, de tradição marxista, que fomentaram, tal como uma *heterotelia*³, o domínio da conhecida globalização, daquilo que o meu amigo Baudrillard designava “sociedade de consumo”. Todas são coisas que estão se tornando cada vez mais obsoletas ou que, no mínimo, não têm mais o aspecto dominante que possuíam até então. Permita-me, a esse respeito, lembrar que, em grego, a palavra “crise” (*krisis*) significa o julgamento feito pelo que está em via de nascer sobre o que está em via de cessar ou, de modo mais coloquial, designa a peneira através da qual rejeitamos o que deveria ser descartado e mantemos o que vale a pena conservar. Trata-se justamente, quanto a esse tema, dessa predominância do materialismo e do economicismo que a crise sanitária mundial está pondo em xeque.

Que sentimento envolve a população europeia em relação a situação do Covid-19?

Atualmente, é difícil avaliar qual é o sentimento da população europeia no que concerne à pandemia do coronavírus. Por outro lado, podemos observar, graças às redes sociais, em particular, que a escala de valores da modernidade, em si, sobre os quais acabei de referir pela prevalência do materialismo, não parecem mais ser aceitos por todo mundo. Cada vez mais vemos surgir valores *pré*-modernos, valores de base, nos quais foram concebidas as sociedades tradicionais. A saber: valores de troca, valores de partilha. Ou, ainda, podemos dizer, também, valores culturais ou valores espirituais que a modernidade e o espírito do tempo (burguês ou socialista) haviam, fortemente, menosprezado.



O isolamento social paradoxalmente fortaleceu nossos laços familiares, de amizade e de trabalho? Teria fortalecido esse vínculo irremediável do querer *être ensemble*?

O que me parece realmente paradoxal é que o confinamento, que se assemelha, com certo exagero, ao que Michel Foucault chamou de “prisão domiciliar”, tende a consolidar os laços familiares e as amizades. Para colocá-lo de uma maneira completamente anedótica, é interessante ver como se multiplicam os encontros *on-line* como, por exemplo, o “aperitivo Skype”, no qual bebe-se junto, bate-se papo e todas essas coisas que, ao cabo e ao fim, vão, com efeito, além do *principium individuationis*, propiciando um ideal comunitário em gestação. Também é interessante observar o desenvolvimento do teletrabalho, que não repousa, unicamente, no valor-trabalho – um tanto abstrato e puramente racionalizado –, mas onde os afetos desempenham uma espécie de contraponto. Ou seja, enquanto trabalhamos, também podemos rir juntos, contar piadas, ouvir as crianças brincarem ou gritarem, ouvir o assobio da válvula da panela de pressão e outros aspectos da existência humana que, no trabalho normal, são deixados de fora ou até mesmo fortemente combatidos. Também podemos observar que, para além do que é dito sobre o isolamento social, isolamento esse que – não devemos esquecer – é a característica essencial da modernidade, vemos se desenvolver uma multiplicidade de manifestações em desenvolvimento que testemunham o ressurgimento desse ideal comunitário. Para nos determos em dois exemplos apenas, na Itália e na França o que eu chamo de “simbólica das varandas”. Isso nos mostra que, em certos momentos, infringindo o confinamento domiciliar, as pessoas se metem nas janelas para aplaudir os cuidadores ou aqueles que, nessa epidemia, dedicam-se nesses hospitais por eles. Da mesma forma, nessas varandas, canta-se em coros, sejam canções patrióticas ou de cultura popular, para sublinhar, assim, que o fato de estar-junto é uma maneira senão de triunfar sobre a morte, pelo menos de relativizá-la e de testemunhar que a vida perdura. Não posso comentar o que está acontecendo no Brasil, mas pelo que meus amigos brasileiros me dizem, essa “simbólica das varandas” tem um papel não negligenciável por lá. Esse é, exatamente, o paradoxo contemporâneo, mostrando que, enquanto o perigo existe, permanece o fato de que, para retomar uma expressão do filósofo Schopenhauer, o “querer viver”, de antiga memória, manifesta-se aqui e, assim, serve de cimento⁴ para essa estrutura antropológica essencial que é “viver com”.

Como as tribos pós-modernas estão se comportando frente à essa crise?

A definição que eu dei de pós-modernidade foi a sinergia entre o arcaísmo e o desenvolvimento tecnológico⁵. Para dizê-lo de modo mais simples: a relação que existe, relação fértil e prospectiva, entre as “tribos”⁶ e a Internet. E é exatamente isso que cabe salientar. Nas grandes megalópoles contemporâneas, como nessas tantas “selvas de pedra”, observamos, claramente, que a Internet promove, ainda que de forma virtual, o compartilhamento de um gosto, seja religioso, musical, esportivo, cultural ou mesmo sexual. Nesse sentido, podemos dizer que o atual confinamento consolida as tribos pós-modernas as quais, uma vez essa crise sanitária seja atenuada ou resolvida, essas “tribos”, seguramente, vão se desenvolver.

Como as artes, a literatura, o cinema, a fotografia, a filosofia, a história, entre tantos outros saberes dessa natureza, podem nos ajudar a restaurar o reencantamento do mundo?

Eu considero, de fato, e me dediquei a mostrar isto em meu livro *Le réenchantement du monde*⁷, que, enquanto o “desencantamento do mundo” havia sido dominante ao longo de toda a modernidade, sob o efeito do racionalismo, como o mostrara Max Weber em “A ética protestante e o espírito do capitalismo”⁸, vemos nos dias atuais, ao contrário, um retorno inegável dos valores culturais. As tribos pós-modernas se constituem em torno da partilha, das trocas específicas de literatura, cinema ou mesmo filosofia. E poderíamos, obviamente, encontrar numerosos exemplos da mesma ordem. Portanto, é interessante notar que a atual crise civilizacional é, acima de tudo, como já o indiquei, a crise de um materialismo míope, decorrente do que o marxismo desenvolveu, a saber, a prevalência da economia, uma “infraestrutura” determinando e dominando, aos poucos, a “superestrutura”. O que começou a tomar forma antes da atual crise, uma acentuação desses valores culturais e espirituais, vai se desenvolver mais tarde, sem dúvida nenhuma.

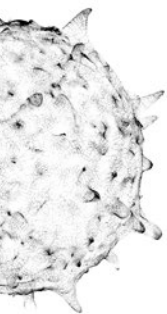


Que sociedade podemos esperar pós Covid-19?

É sempre difícil determinar com precisão o que será o futuro. Mas podemos dizer que, depois da covid-19, certamente haverá o retorno dos valores tradicionais que haviam estruturado a *pré*-modernidade. Em suma, me refiro às noções de partilha e troca que, sob suas diversas nuances e com a ajuda da Internet, tornam-se primordiais. Na verdade, creio que, do meu ponto de vista, o retorno da Tradição é que será o principal elemento da cultura “social”⁹ em gestação. Leon Bloy dizia, de modo premonitório, que “o profeta é aquele que se recorda do futuro”. E vemos, de várias maneiras, que o que importa é o presente, enraizado no passado e que prefigura o futuro. Ao contrário dos “arautos” do catastrofismo ou do que é comumente chamado de “colapsólogos”, considerando que o que se desenha é o fim de todas as coisas, eu repito, a torto e a direito, que o fim de *um* mundo não é o fim *do* mundo.

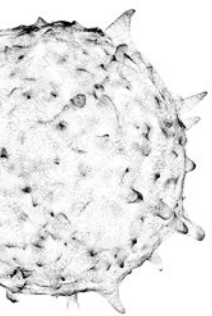
Se tivesse, em poucas palavras, que deixar uma mensagem para as gerações futuras, o quealaria?

É preciso fazer de sua vida uma obra de arte¹⁰. Acentuar o qualitativo da experiência e não apenas se agarrar ao quantitativo e ao êxito material individual que foram a marca do burguesismo moderno, cuja falência percebe-se contemporaneamente. Eu insisto em repetir, e jamais direi o bastante, que o imperativo categórico¹¹, ou seja, a “ambiência” que caracteriza a pós-modernidade será a de um imperativo espiritual e altruísta.



Notas

¹ Esse termo, que Maffesoli já o utilizava assim, “societal”, e não “social”, no início dos anos 1980, ou seja, há pelo menos 40 anos, porém só agora começa a ser assimilado com alguma naturalidade, é para se diferenciar do termo “social” (como saliente), de uso genérico. O autor, em nota de rodapé do seu “A sombra de Dionísio”, que é de 1982, mas que no Brasil chegou três anos depois, isto é, 1985, pela Graal, do Rio de Janeiro, com tradução de Aluizio Ramos Trinta, é claro: explica que “social” se refere a uma “[...] relação social mecânica dos indivíduos entre eles próprios, e social adquire então um sentido ideológico” (MAFFESOLI, M. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 17). O “social”, além disso, conforme Maffesoli, é ora usado por ele, ainda, para se referir, de “modo neutro” (palavras dele), a “todo social” ou “conjunto social” (também palavras de Maffesoli). E complementa nessa nota de rodapé: “Trata-se de um uso cômodo da língua” (MAFFESOLI, M. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 17). E o “societal”? Segundo Maffesoli, é um jeito de sublinhar o que ele considera como característica essencial do “ser-junto-com”, esse que “supera a simples associação racional”. Aqui, poderíamos considerar o “ser-junto-com” como uma relação *orgânica*, não “mecânica”. E ele segue, nessa nota, dizendo que o “social” é termo gasto e em via de extinção. “Societal” é holismo, considera ele. E “socialidade”, esclarece na mesma nota, ainda, “uma expressão cotidiana e tangível da solidariedade de base, vale dizer, do ‘societal’ em ato” (MAFFESOLI, M. *A sombra de Dionísio*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 17).



² No original, *passage* (“passagem”), que também serviria. Mas, em Maffesoli, o termo que melhor representa a ideia de transição, transição essa da modernidade para a pós-modernidade e que ele próprio o utiliza, com alguma frequência, é “deslizamento” (*glissement*). E isso porque, tendo sido aluno de Gilbert Durand, a quem ele se refere como seu Mestre, Maffesoli evita o uso de termos que podem dar margem a algum sentido abrupto na mudança entre um estado de coisas para outro. No entanto, quando se trata de uma ruptura de um ponto de vista hermenêutico, ruptura essa capital para a compreensão do que ele quer dizer, Maffesoli é radical (também no sentido de ir à raiz do sentido, como o faria um bom filólogo). Por exemplo: ao invés da palavra “conceito”, de conotação um tanto rígida, de acordo com o autor, e isso ele traz também de Durand, é preferível, para ele, Maffesoli, um termo – menos peremptório – como o de “noção”.

³ Maffesoli utiliza esse termo em várias obras. Numa delas, chamada “Saturação”, o autor explica o seguinte: “Ao dar excessiva importância à moral, que, sublinho, se baseia numa lógica do dever ser, chega-se a abusos não previstos. Isso chama-se *heterotelia*” (MAFFESOLI, M. *Saturação*. Trad. Ana Goldberger, São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2010. p. 34). Do grego, temos o prefixo “héteros” (variável) mais “telos” (finalidade). Portanto, o propósito de uma ação acabou diferindo, no sentido de variar (variou, isto é, modificou-se), do fim proposto.

⁴ Segundo Maffesoli, “cimento” é uma metáfora de *ethos*, o “estar-junto”, porque, assim como o cimento, massa de calcário e argila que, misturada com água, aglutina esses elementos e seca para concretar, vivemos em torno da relação que estabelecemos com o Outro. E vice-versa.

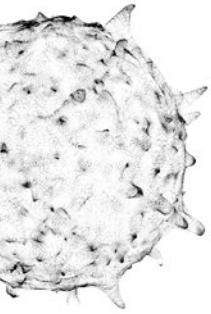
⁵ Maffesoli repisa essa definição em várias de suas obras, como, por exemplo, na página 22 de “Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo” (publicado pela editora Atlântica, do Rio de Janeiro, em 2004, com tradução de Vera Ribeiro).

⁶ No sentido de “tribos urbanas”, e não, mas derivadas disso, da Antropologia.

⁷ Tradução literal: “O reencantamento do mundo”. Um dos poucos títulos de Maffesoli – até esse momento – ainda não traduzido no Brasil.

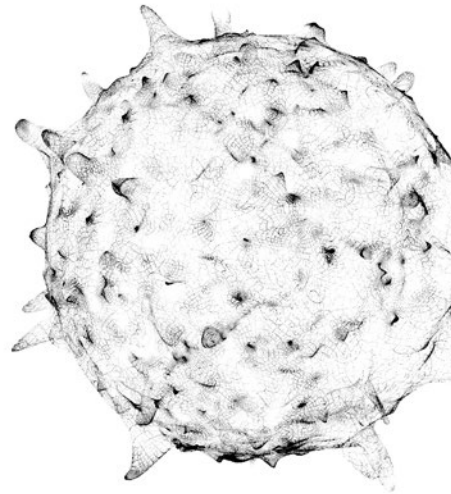
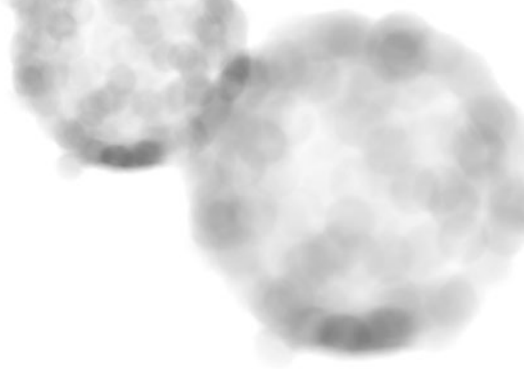
⁸ Nesta obra, em particular, publicada em 1905, Weber ainda não se refere, explicitamente, à expressão mencionada por Maffesoli, o “desencantamento do mundo”, ou seja, a perda da “magia” ou do encanto pela vida por excesso de racionalização. Sua intenção, em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” era tratar da formação desse capitalismo do título do livro, isso porque o interessava, depois de uma viagem aos Estados Unidos, analisar a “[...] conduta de vida racional fundada na ideia de profissão como vocação do espírito da ascese cristã” (WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 164). O “desencantamento do mundo”, assim, nesses termos, foi utilizado muito depois, em 1917, em palestras que Weber preferiu na Universidade de Munique, Alemanha, em 1917. Porém, e é nesse ponto que parece se basear Maffesoli, Weber antecipava, mesmo que não criticamente, como mencionei, o que, mais tarde, seria o “desencantamento” ao mencionar, no último capítulo, “[...] esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina, com pressão avassaladora, o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dessa engrenagem – não só dos economicamente ativos – e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil” (WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 165). Está aí a semente do “desencantamento” weberiano, mesmo sem julgá-lo, ainda. Maffesoli, portanto, inverte essa expressão e considera que temos, hoje, ao contrário do que pensara Weber, a ideia de um “encantamento”, por razões expostas nesta entrevista e em toda a sua obra.

⁹ De modo genérico, por isso “social”, e não exatamente “societal”, apenas para exemplificar a distinção mencionada na primeira resposta de Maffesoli.



¹⁰ Referência a F. Nietzsche. Isso porque, nessa ideia do filósofo alemão, em “A origem da tragédia”, primeiramente, Maffesoli reconhece antes uma arte de viver para “além do bem e do mal” (usando aqui, de minha parte, agora, outra ideia de Nietzsche, autor de um livro homônimo à expressão mencionada entre aspas, e que queria, com isso, criticar o conceito de progresso na Europa de sua época, entre os séculos XIX e XX, e o ideal ascético do povo alemão, que, tudo junto, resultava, conforme Nietzsche, em uma “moral de rebanho”). NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009. p. 113). Portanto, transpondo a tese de Nietzsche sobre aquele instinto estético, o de “viver a vida como obra de arte”, para o terreno sociológico, Maffesoli sugere que, no cotidiano, não mais plantamos os frutos para colhê-los no amanhã. Somos, digamos, a-morais (ou anárquicos). Saliento isso. Não, exatamente, i-morais (porque isso já parece pressupor um julgamento, o que não o interessa). O cotidiano, pois, ao contrário de um projeto de vida ancorado no progresso, é trágico: vive-se, por ser trágico, entre a alegria e a dor (às vezes, a alegria da dor ou a dor da alegria), e cotidianamente, todos os dias, num tempo presente, aqui e agora. Não querendo me alongar, mas cabe refletir um detalhe. Essa “arte” de que fala Nietzsche é ambígua. Sim, o indivíduo tem de ser um artista – jargão popular, aliás – para se virar diante de tantas, podemos dizer, mazelas na vida. Existe essa ideia em Nietzsche, claro. Porém, Nietzsche também faz referência à Arte como o belo dessa mesma Arte, nesse sentido artístico mesmo. Isso porque, quando o cotidiano pesa ou é sentido como “aborrecimento”, de acordo com Nietzsche, “só a Arte tem o poder de transformá-lo no que há de horrível e de absurdo na existência em imagens ideais [ideal por causa dessa Arte do belo dessa mesma Arte, como eu me referi há pouco. N.T.] que tornam agradável e possível a vida” (NIETZSCHE, F. *A origem da tragédia*. Lisboa: Guimaraes Editores, 2002. p. 77). Lembremo-nos que Nietzsche, além de filólogo e filósofo, era pianista (essa era a sua Arte, com “A” maiúsculo) e, de início, grande admirador de Richard Wagner (1813-1883). Gianni Vattimo, por sua vez, sintetiza bem “viver a vida como obra de arte”. Diz ele: “Em outras palavras, a Arte é sinônimo da própria criatividade da vida” (VATTIMO, G. *Diálogo com Nietzsche: ensaios 1961-2000*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 25).

¹¹ Ideia do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804). Para ele, Kant, um “[...] *imperativo* é uma regra designada por um “dever ser” [...]” (KANT, I. *Crítica da razão prática*. São Paulo: Icone, 2005, p. 20). Maffesoli se utiliza dessa *máxima* kantiana, máxima nos termos do próprio Kant que a designa – uma *máxima* – como um *princípio subjetivo* da vontade do próprio sujeito. Do contrário, o *princípio* seria *objetivo* – e não *subjetivo*. Portanto, *objetivo* por ser lei (dá a crítica maffesoliana às instituições, de um modo geral, ou seja, ao espírito de um regramento universal, que é a metafísica do certo ou errado, justificada por um “dever ser” do *imperativo*, sendo este, é bom que fique claro, *categorico* ou não, conforme Kant). Não vem ao caso nos prolongarmos nisso, mas Kant, além do *categorico*, utilizava um contraponto a isso. Era o *imperativo hipotético*. Maffesoli faz uma paráfrase da expressão kantiana designada pelo termo *imperativo*, de preferência o *categorico*, para reforçar uma regra imposta de fora (no caso a do Estado) para o sujeito, e não o *imperativo* a que o próprio sujeito também se coloca, que é o *hipotético*. Para Maffesoli, pois, poderíamos falar de um outro *imperativo* (contrapondo-se ao *categorico*, mas sem mencionar o *hipotético*), que seria, então, o *imperativo espiritual* (o mesmo que holístico). Isso posto, um *imperativo*, para Kant, divide-se em *categorico* e *hipotético*. No primeiro, em suma, trata-se de um princípio universal (dá a birra maffesoliana). No segundo, para simplificar, trata-se daquilo que for suficiente para o sujeito. “Só para a sua vontade”, afirma Kant (*Crítica da razão prática*. São Paulo: Icone, 2005, p. 19). Mas só que o fato de ser para a vontade do sujeito, não significa individualismo, como muitos pensam. Pelo menos é o que Maffesoli defende: um declínio desse suposto individualismo, apesar do Eu que prevalece no pós-moderno. Um Eu que se reconhece no Outro, porém. Interessante, ainda, é que o relativismo kantiano (Kant, um relativista?, muitos perguntariam) é pouco ou nada lembrado.



Com a parceria de:

Programa de
Pós-graduação em
Filosofia PUCPR

Laboratório de
Estudos sobre o
Contemporâneo